

The cover features a central pink rounded rectangle containing the author's name. This rectangle is supported by several thick, colorful lines (yellow, blue, purple, red, pink) that radiate outwards and curve in various directions. In the top right corner, there is a circular logo with a blue background and yellow border. The background is white with a few curved lines in green and orange.

DVD
Material
Educativo
para
Professor
Propositor

AKIKO FUJITA



DVDteca

A horizontal bar at the bottom of the page is divided into six colored segments: purple, light blue, green, red, dark blue, and yellow.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(William Okubo, CRB-8/6331, SP, Brasil)

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA

Akiko Fujita / Instituto Arte na Escola ; autoria e coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo : Instituto Arte na Escola, 2006. (DVDteca Arte na Escola – Material educativo para professor-propositor ; 102)

Foco: PC-A-2/2006 Processo de Criação
Contém: 1 DVD ; Glossário ; Bibliografia
ISBN 85-98009-83-0

1. Artes - Estudo e ensino 2. Cerâmica 3. Escultura 4. Fujita, Akiko I. Martins, Mirian Celeste II. Picosque, Gisa III. Título IV. Série

CDD-700.7

 **Créditos**

MATERIAIS EDUCATIVOS DVDTECA ARTE NA ESCOLA

Organização: Instituto Arte na Escola

Coordenação: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Projeto gráfico e direção de arte: Oliva Teles Comunicação

MAPA RIZOMÁTICO

Copyright: Instituto Arte na Escola

Concepção: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Concepção gráfica: Bia Fioretti

AKIKO FUJITA

Copyright: Instituto Arte na Escola

Autores deste material: Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque

Revisão de textos: Soletra Assessoria em Língua Portuguesa

Diagramação e arte final: Jorge Monge

Autorização de imagens: Ludmilla Picosque Baltazar

Fotolito, impressão e acabamento: Indusplan Express

Tiragem: 200 exemplares

DVD

AKIKO FUJITA

Ficha técnica

Gênero: Documentário sobre Akiko Fujita, ceramista e escultora.

Palavras-chave: Diálogo com a matéria; perseguir idéias; imaginação criadora; observação sensível; escultura; cerâmica; ecologia; forma orgânica.

Foco: **Processo de Criação.**

Tema: A cerâmica e as esculturas-monumento de Akiko Fujita em argila.

Artistas abordados: Akiko Fujita e o músico Egberto Gismonti.

Indicação: A partir da 1ª série do Ensino Fundamental.

Direção: Alberto Baumstein.

Realização/Produção: Vídeo Comunicações do Brasil - Videcom, São Paulo.

Ano de produção: 1986.

Duração: 15'.

Sinopse

O documentário apresenta a obra de Akiko Fujita, ceramista e escultora japonesa que viveu um período no Brasil. Inicia-se com imagens da artista trabalhando e de algumas de suas obras, mostra a terra/argila, a queima no fogo e textos em japonês. Uma breve retrospectiva evidencia o percurso da artista: de pequenas figuras humanas isoladas, moldadas em barro na década de 50, às esculturas de grande porte a partir da década de 70. Tendo como ponto de partida a natureza, a artista cria obras-monumento, cidades-labirinto, torres, castelos e os realiza coletivamente. O texto, de caráter poético, traz também o pensamento de Akiko. A música de Egberto Gismonti não configura apenas a trilha sonora, é também inspiradora para a viagem e estadia da artista por 4 anos no Brasil.

Trama inventiva

Percurso criador. Olhar/sentir/pensar o que antes, simplesmente, não era. Cada novo olhar é um outro olhar, e assim vai se fazendo a obra. Existem vontades. Vontades de artista: projetos, esboços, estudos, protótipos. Vontades da matéria: resistir, provocar, obedecer, dialogar com o artista. Existe um tempo: do devaneio, da vigília criativa, do fazer sem parar, de ficar em silêncio e distante, de viver o caos criador. Existe um espaço: o ateliê. Espaço para produzir, investigar, experimentar. Repouso e reflexão. Espaço-referência. Existe sempre a busca incansável para o artista inventar a sua poética de tal forma que, enquanto a obra se faz, se inventa o modo de fazer. Invenção que, na cartografia, convoca o andarilhar pelo território

Processo de Criação.

O passeio da câmera

Somos convidados a tocar com os olhos o processo de criação da artista. Esse parece ser o convite da câmera, nos aproximando do caráter orgânico de sua obra, vinculada à natureza – raízes, terra, mãos que deixam marcas.

A temática de sua obra – *Casa da raposa, Torre de Babel, Castelo do passarinho, Flores da terra, Casa das andorinhas* – se conecta com a arquitetura de forma mágica. Grandes espaços nos convocam para entrar e tocar em formas orgânicas que podem nos remeter a labirintos, a colméias, a formigueiros.

Além de suas obras, o documentário apresenta as construções coletivas que envolveram até dois mil participantes, requerendo uma queima especial.

O documentário está alocado no território de **Processo de Criação**, focalizando a criação da artista, a observação sensível, o diálogo com a matéria, a produção coletiva. São vários, entretanto, os territórios que podem ser percorridos e que você pode visualizar no mapa potencial.

 **Sobre Akiko Fujita**

(Tóquio/Japão, 1934)

Eu quero criar algo que forma raízes na terra. Talvez esse seja meu sonho, minha vida...

Akiko Fujita

A terra, o barro, a natureza, o fogo. É com eles que esta artista japonesa constrói a sua obra. Aos 19 anos, encanta-se pela argila e inicia sua trajetória artística. O Japão é o seu país. Lá vive os momentos que precederam a 2ª grande Guerra Mundial, os seus horrores e a reconstrução. Lá também estuda arte na universidade e inicia sua carreira.

As pequenas esculturas, toscas figuras humanas, inicialmente isoladas e depois agrupadas, tornam-se complexas, atingindo mais de dois metros de altura. Mas o sonho em se integrar à natureza leva a artista à criação de grandes projetos. O maior deles, *Idenawa*, é realizado na cidade de Hiratsuka, próxima de Tóquio. Com quatrocentos e cinqüenta metros quadrados e uma altura máxima de seis metros, a obra tem a colaboração de quatro mil estudantes, artistas e amigos¹. É uma escultura habitável, usada para espetáculos de dança e música.

Suas obras-monumento precisam de grandes espaços, e a alta densidade demográfica e a qualidade da argila do Japão dificultam seu trabalho. Impressionada pela música de Egberto Gismonti, e buscando espaços para suas criações coletivas, Akiko passa 4 anos no Brasil, de 1982-1986.

Fixa-se em Campinas/SP, ensina cerâmica na universidade estadual Unicamp, onde realiza a obra *Casa das andorinhas*. Na Universidade de São Paulo/USP, com quinhentas pessoas, entre alunos, artistas e integrantes da comunidade San Remo, ela constrói *Flores da terra*, numa queima que dura mais de 3 dias. Utiliza o *raku* que é uma técnica oriental de queima de cerâmica, cujo nome provém do ideograma chinês que engloba

vários significados como profunda alegria, prazer, felicidade e simplicidade.

Realiza também importantes exposições na Galeria São Paulo e no Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado - MAB/FAAP.

Os movimentos sinuosos, os ocios e os vazios, os labirintos, as raízes movem Akiko Fujita a cavar, moldar e queimar a terra que, inerte e sem forma, anima-se com o toque criador da artista. A cerâmica e esculturas de Akiko nos fazem penetrar no eco das primeiras manifestações artísticas humanas, aflorando em nós um olhar mais sensível à natureza e à escultura.



Os olhos da arte

A história da terra é a história do homem que repousa agora na sua magnitude. Se eu puder gravar meu testemunho nesta terra, acredito que estarei construindo. Plantar raízes significa criar ligações sólidas que não permitam que a terra rejeite todo o esforço aplicado nesta construção.

Akiko Fujita

Uma velha árvore. Uma árvore-figueira branca. Ao tocar as formas curvas de suas raízes, as mãos de Akiko parecem reconhecer sua própria raiz artística: a natureza. Seu projeto poético parece seguir o ciclo dos elementos: terra, água, ar e fogo, sendo a terra sua essência única, como ciclo natural da cerâmica.

Com muitos blocos de argila, Akiko mexe, bate, enrola, amassa, modelando construções que vão completar seu projeto poético. Esculturas-monumento, como a *Casa das andorinhas* na qual os pássaros virão se aninhar. Em sua ação criadora, as mãos da artista são mãos trabalhadoras. Mãos que fazem o lento trabalho de dar formas múltiplas à massa que se revela um convite para modelar, num diálogo íntimo entre a imagina-



Akiko Fujita - *Monumento Campinas*

Obra realizada na Praça da Cidade Universitária "Zeferino Vaz" - Unicamp

Realização - Departamento de Artes Plásticas - Unicamp.

Execução - Akiko Fujita, Eduardo Bará, Maria Letícia S.Achcar e Warner Reis Filho.

Colaboração - Centro de Comunicação Unicamp.

Foto - Maria Letícia S.Achcar.

ção e a matéria – água e terra. A imaginação pergunta e pede, a mão responde e faz.

Naturalmente, este fazer-criar pela modelagem é uma alegria dos dedos, um tateamento da matéria que faz a mão ser sonhadora. Por esse gesto somos levados de volta à nossa infância, quando diante de um punhado de argila fazíamos surgir pequenas cobras, minhocas, homenzinhos, despertando a mão para trabalhar no tridimensional.

Mas são as forças imaginantes da artista que a levam ao barro, desenhando por meio dele. Seu processo criador não inclui o desenho como atividade inicial, como meio gerador da forma ou dos volumes. A artista lida direto com o barro que responde à sua mão, à sua imaginação. Nesse diálogo com a matéria,

nasce a obra, lentamente. Para a artista e professora Fayga Ostrower²:

cada materialidade abrange certas possibilidades de ação e outras tantas impossibilidades. Se as vemos como limitadoras para o curso criador, devem ser reconhecidas também como orientadoras, pois dentro das delimitações, através delas, é que surgem sugestões para se prosseguir um trabalho e mesmo ampliá-lo em direções novas.

No processo de criação, portanto, **o diálogo com a matéria implica em disponibilidade para o que vai nascer pelas mãos que desejam. Entretanto, elas não podem se restringir à idealização da forma no pensamento, que dificulta a criação e cerceia o diálogo entre a idéia e a matéria.**

Pensar no processo de criação de Akiko Fujita e, a partir dele, no processo de criação em arte, nos leva a perceber o poder envolvente dessa experiência. É um processo que vai se dando ao longo do tempo, o tempo do trabalho que não é vinculado ao tempo do relógio. Por isso, podemos dizer que perseguir uma idéia em arte leva tempo. Tempo para a experimentação, tempo para a obra germinar entre indecisões e dúvidas, avanços e recuos, silêncios e espera. A ação criadora é repleta de gestos que concretizam um projeto poético por meio de escolhas, seleções e combinações do que fazer e como fazer, em intenso diálogo com a matéria.

Nesse sentido, nenhum artista inicia um trabalho com uma compreensão absolutamente clara do que será a obra concretizada. **A ação da mão do artista vai revelando o projeto em construção, e cada ação, cada momento é um ponto de partida e não de chegada. A arte, diz Pareyson³, é "um tal fazer que, enquanto faz, inventa o por fazer e o modo de fazer", valorizando a processualidade, as escolhas e descobertas constantes durante o próprio percurso criador.**

O passeio dos olhos do professor

A leitura do documentário, antes do seu planejamento, é importante para que você possa registrar suas impressões com palavras, desenhos, textos. Para isso, um diário de bordo será o instrumento para o seu pensar pedagógico, que pode ser iniciado com a pauta do olhar que oferecemos:

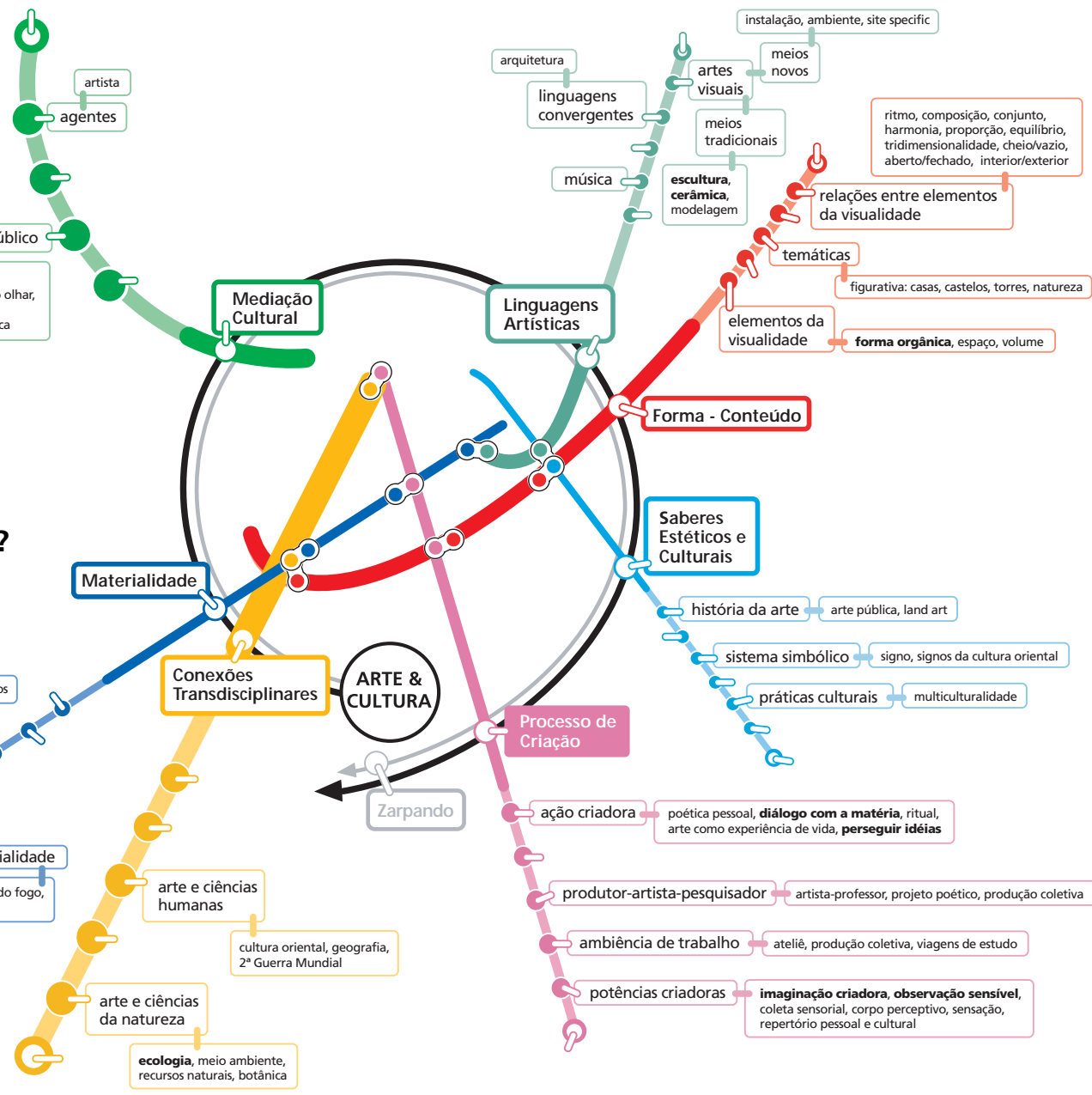
- O documentário desperta algo em você?
- Como é o olhar de Akiko Fujita frente à natureza?
- Que ferramentas ela utiliza em sua criação?
- Como você imagina que nascem as idéias para as suas obras?
- Sobre o documentário: como são expostas a idéia de tempo cronológico e a diversidade cultural?
- O que seus alunos gostariam de ver no documentário? Algo causaria estranhamento?
- Quais perguntas o documentário lhe faz?

Das anotações feitas, você pode pensar num mapa para suas proposições pedagógicas. O que você gostaria que seu aluno estudasse sobre o próprio processo de criação e o de Akiko Fujita?

Percursos com desafios estéticos

Algumas proposições pedagógicas são aqui sugeridas, porém, não há uma ordem a ser seguida. Olhos e ouvidos atentos podem perceber interesses e necessidades dos alunos e transformar, recriar ou inventar projetos provocados pelo documentário.

**Mapa potencial
AKIKO FUJITA**



qual FOCO?
qual CONTEÚDO?
o que PESQUISAR?

Zarpando

O passeio dos olhos dos alunos

Algumas possibilidades para o início:

- A sensação de ter nas mãos uma porção de argila nos torna mais atentos e sensíveis a sua umidade, frieza, maleabilidade. Se for possível, não deixe que seus alunos vejam o que receberão nas mãos, para ser uma surpresa. Peça para que experimentem as possibilidades da argila, ainda de olhos fechados. Instigue-os para amassar, furar, apertar, espichar, expandir, alisar, enrolar, fazer uma bola, um quadrado, etc. Mantendo-os de olhos fechados, peça para que a exploração se transforme em intenção de fazer algo ligado à natureza. É importante que continuem de olhos fechados até o momento em que a idéia esteja concretizada. Depois, podem abri-los para burilar melhor. Quando todos terminarem, exponha os trabalhos e peça que comentem sobre o modo como criaram suas pequenas esculturas. Para alimentar ainda mais a conversa, exiba o documentário e torne à análise dos trabalhos. Novos encaminhamentos nascerão daí.
- Uma construção tridimensional pode ser facilmente experimentada a partir de uma folha de papel sulfite A4 amassada ou vincada. Exponha os trabalhos e problematize: o que é uma forma tridimensional? O que é uma forma orgânica? Como nasceram as idéias? A partir da conversa, exiba o documentário e impulse os comentários.
- A música de Egberto Gismonti encantou Akiko Fujita. Você pode escolher uma música desse compositor e preparar os alunos para “saboreá-la”, pedindo que ouçam em silêncio. Depois, repetindo a música, peça para que registrem com desenhos ou textos as imagens que povoaram seus pensamentos enquanto ouviam. Se os alunos não estão habituados à escuta sensível de músicas, facilite o silêncio interno, por exemplo, colocando um pequeno trecho repetidas vezes até que se mantenham mais concentrados para a escuta.

Focalizando o processo de criação, é importante provocar os alunos para que percebam como as idéias nasceram, quais fo-

ram as mudanças ou transformações ocorridas enquanto faziam as formas em argila, em papel amassado ou enquanto desenhavam ou escreviam. Eles podem escrever sobre esse momento. O documentário, as ações expressivas e as conversas podem gerar boas questões, vislumbrando aspectos tanto do processo de criação, como de outros focos apontados no mapa potencial deste documentário.

Ampliando o olhar

- As mãos tocam a figueira branca, os olhos atentos admiram os sulcos, a textura, o espaço. Assim, Akiko se alimenta da forma orgânica da natureza. É possível investigar sobre esse momento, lembrando ou exibindo novamente a cena. Seria interessante observar árvores e suas raízes visíveis, tocar suas formas? Esse desafio poderá ser feito na escola ou ser uma tarefa de pesquisa, com o registro em desenho ou mesmo em fotografia, dependendo das possibilidades. Na classe, antes de mostrar os registros, pergunte: algo que não haviam visto antes foi percebido? Tiveram novas idéias enquanto registravam? Apareceram árvores diferentes dos desenhos habituais? Quais as distinções entre eucaliptos, mangueiras, palmeiras, por exemplo? A conversa e os trabalhos podem gerar um novo percurso, agora coletivo. Em grupos, os alunos podem observar as mesmas árvores ou investigar outras árvores nas proximidades da escola e criar formas a partir delas. Com papéis amassados, argila ou papelagem⁴, podem fazer uma pequena maquete. Antes de apresentar os trabalhos, eles devem contar o processo de criação coletiva, percebendo como as idéias alimentam outras, os impasses e as escolhas.
- As formas orgânicas estão presentes na natureza. O desenho de um rio, de um raio entre as nuvens, o modo como os caules e as folhas saem do tronco são bons exemplos. Peça para que amassem folhas de papel A3 e depois as desamassem. Podem perceber vales e colinas? O efeito ainda fica mais interessante se verterem um pouco de tinta nanquim diluída para que

ela percorra caminhos. Converse sobre as formas orgânicas que ficaram no papel. Eles podem recortá-las à mão, colando sobre um suporte de cor contrastante e completando o desenho. Você pode sugerir as temáticas de Akiko: torres, casas, cidades, castelos. Em oposição, também é interessante que percebam formas geométricas.

- Uma idéia pode virar muitas outras idéias. Depois de amassar a argila para tirar o ar e evitar a quebra, solicite que façam várias esferas e cubos, mais ou menos do mesmo tamanho, e interfiram neles retirando, furando, amassando, torcendo. Antes de finalizar, peça para que vejam as peças dos colegas e voltem a trabalhar nas suas esferas e cubos, alimentados com as novas idéias. Ao final, estimule-os a escrever: como as idéias nasceram? Olhar as formas feitas por outros alimentou ou dificultou o surgimento de novas idéias? Exponha todos os trabalhos e converse sobre os processos de criação através das produções realizadas.



Conhecendo pela pesquisa

- Há vários modos de trabalhar com o barro que, depois, pode se tornar molde para esculturas em bronze. Há artistas que tentam deixar a superfície o mais lisa possível e outros que deixam o gesto mais visível, especialmente após o impressionismo. É possível também perceber as temáticas e as formas mais utilizadas pelos artistas. Embora não seja fácil ver boas fotografias de esculturas, procure levar para sua sala, ou peça para os alunos procurarem, obras de Antonio Poteiro, Norma Grinberg, Francisco Brennand⁵, por exemplo. Um olhar pesquisador pode ser desafiado: o que é possível perceber da poética (do modo de fazer) de cada artista? O que eles perseguem como idéias que se tornam obras? Podem ser perguntas difíceis, mas pela comparação é possível perceber o que caracteriza a singularidade de cada artista.
- Trabalhar o barro e transformá-lo em objetos tem sido tarefa do homem nas diferentes épocas de sua história. Em escavações, se tem encontrado objetos de cerâmica que

auxiliam nos estudos sobre a cultura de cada época. Pesquisar sobre arqueologia pode levar a uma viagem aos nossos antepassados ceramistas da Amazônia, de Marajó, de Santarém. Quais as semelhanças e diferenças entre o processo de criação desses ceramistas e dos artistas do nosso tempo?

- ☉ Quais peças de barro os alunos têm em casa? Essa é uma boa investigação para aproximá-los dos trabalhos de Mestre Vitalino, das louceiras, além de outros. O que os alunos gostariam de modelar a partir da pesquisa?
- ☉ *Casa das andorinhas*, uma instalação da artista em Campinas, é também o nome de um álbum de Egberto Gismonti, de 1992. Os alunos conhecem suas obras?
- ☉ Uma visita a olarias ou ateliês de cerâmica da região, a visita de um ceramista para uma entrevista na escola podem revelar novas descobertas sobre procedimentos técnicos e processos de criação?
- ☉ Obras monumentais foram feitas por muitos artistas. Alguns sonharam reinventar a geografia, criando intervenções na própria natureza. É a *land art*,⁶ a arte da terra. Os alunos podem pesquisar e criar projetos de intervenções na comunidade em que vivem.
- ☉ Para o professor, há vários livros que falam de processos de criação, mas são poucas as biografias de artistas que focalizam os percursos de criação. Um pequeno depoimento do pintor gaúcho Iberê Camargo⁷ pode gerar uma boa conversa sobre este processo:

Cada artista tem seu tempo de criação. É difícil saber quando começa a gravidez e quando se dá o parto. Há pintores que são permanentemente prenhes, parindo ninhadas, como era o caso de Picasso. Eu, antes de iniciar a viagem – o quadro -, consulto minha bússola interior e traço o rumo. Mas quando estou no mar grosso, sempre sopra um vento forte que me desvia da rota estabelecida e me leva a descobrir o novo quadro. Todo criador é um Pedro Álvares Cabral.

Desvelando a poética pessoal

Uma proposição aberta, provocando em cada aluno a criação de uma série de trabalhos, pode desvelar uma nascente poética pessoal. A partir do documentário e de seu mapa potencial, sugerimos a produção de uma série que amplie a exploração do tridimensional e que venha acompanhada de uma história em quadrinhos contando o processo de criação vivido.

Amarrações de sentidos: portfólio

A percepção ampliada sobre o próprio processo de criação pode levar o aluno a ver que alguns partem de uma idéia elaborada mentalmente, outros de experimentações com o material disponível, ou, ainda, de outros modos. Eles podem relatar os processos vivenciados por meio de uma história em quadrinhos, feitas em duplas ou grupos maiores. Essas histórias podem montar um portfólio que revelará também todo o processo vivido. Textos podem ser produzidos, como artigos de um jornal, contando o processo de criação, com seus impasses, limites e expectativas, apresentando tudo o que estudaram.

Valorizando a processualidade

Olhar para o percurso trilhado é perceber os processos de criação que você e seus alunos viveram. Ampliaram o conceito de criação em arte? Perceberam as experimentações, o tatear, as idas e vindas, os avanços e recuos, as escolhas perseguindo idéias num diálogo com a matéria? O que conheceram em relação ao tridimensional, à argila e suas técnicas?

A busca de respostas, por meio dos portfólios e da lembrança de todas as conversas no meio deste caminho, pode gerar um momento especial para reolhar todo o processo e registrar, no seu diário de bordo, as suas impressões e possíveis mudanças para projetos futuros. É também a oportunidade de perceber novos conceitos e experimentações a serem despertados e novos documentários a serem buscados.

Glossário

Cerâmica – denominação da argila/massa modelada e queimada em temperatura superior a 600° C. Fica dura e resistente. Para se tornar completamente impermeável, necessita ser esmaltada para obter uma camada vítrea. Fonte: <www.ceramicanorio.com/glossario.html>.

Diálogo com a matéria – o artista estabelece um relacionamento íntimo e tenso com a matéria, manipulando e transformando-a. Nessa ação, há uma troca recíproca de influência, artista e matéria vão se conhecendo, se reinventando, conseqüentemente, artista e matéria são ampliados pela ação criadora. Fonte: SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado*: processo de criação artística. São Paulo: Fapesp: Annablume, 1998, p. 128.

Experimentação – como um modo de testagem do artista, no momento da construção da obra, hipóteses de natureza diversas são levantadas e vão sendo postas à prova por meio da experimentação. Os momentos de experimentação apontam a natureza investigativa do processo criador e seus registros materiais podem ser encontrados em rascunhos, estudos, croquis, esboços entre outros documentos. Fonte: SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado*: processo de criação artística. São Paulo: Fapesp: Annablume, 1998, p. 142.

Imaginação criadora – diferentemente do que sugere a etimologia, (faculdade de formar imagens da realidade), para Bachelard, a imaginação criadora “é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade. A imaginação inventa mais que coisas e dramas; inventa vida nova, inventa mente nova; abre olhos que têm novos tipos de visão.” Fonte: BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 18.

Perseguir uma idéia em arte – é mergulhar no mar de potencialidades e possibilidades que se abrem no momento em que somos ativados à criação por meio de uma idéia germinada em nós. Essa ação envolve a busca por referências, a experimentação a partir de hipóteses, momentos de fazer sem parar; de ficar em silêncio olhando o que já está feito; momentos de pausas para ficar um tempo longe do trabalho, tendo outras idéias para agregar às anteriores. Fonte: MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. *A língua do mundo*: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998, p. 161.

Bibliografia

BOJUNGA, Lygia. *Feito à mão*. Rio de Janeiro: Agir, 1999.

GARDNER, Howard. *Mentes que criam*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

KRAUSS, Rosalind. *Caminhos da escultura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

_____. *Acasos e criação artística*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Fapesp: Annablume, 1998.

Bibliografia de arte para crianças

VIDAL, Jean-Jacques; JAMES, Paulo. *Ceramicando*. São Paulo: Callis, 1997.

Seleção de endereços sobre arte na rede internet

Os sites abaixo foram acessados em 08 fev. 2005.

ENCICLOPEDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTES VISUAIS. Disponível em: <www.itaucultural.org.br>.

ESCULTURA. Disponível em: <www.pitoresco.com.br/escultura/>.

FUJITA, Akiko. Disponível em: <www.art-paz.com/artst/fujita/>.

_____. Disponível em: <www2.airnet.ne.jp/chapari/idenawa/intro.htm>.

GISMONTI, Egberto. Disponível em: <www.cliquemusic.com.br/artistas/egberto-gismonti.asp>.

LAND ART. Disponível em: <www.caleida.pt/clepsidra/>.

Notas

¹ AMARANTE, Leonor. Akiko bíblica, moldando a terra. *O Estado de S. Paulo*, 9 ago. 1985.

² Fayga OSTROWER, *Criatividade e processos de criação*, p. 32. Na DVDteca Arte na Escola há um documentário sobre ela.

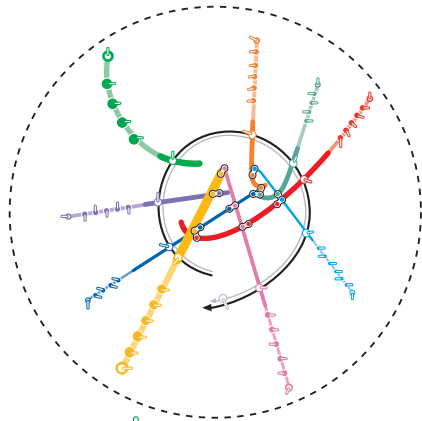
³ PAREYSON, Luigi. *Os problemas da estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1984, p. 32.

⁴ A papagem é uma técnica relativamente fácil para a produção de trabalhos tridimensionais. Pode-se fazer estruturas com canudos feitos em jornal (bem apertados para ficarem bem firmes), e depois cobri-las com pedaços de papel encharcados com cola branca. Quanto mais camadas, mais resistente fica a forma criada. Depois, é só pintar.

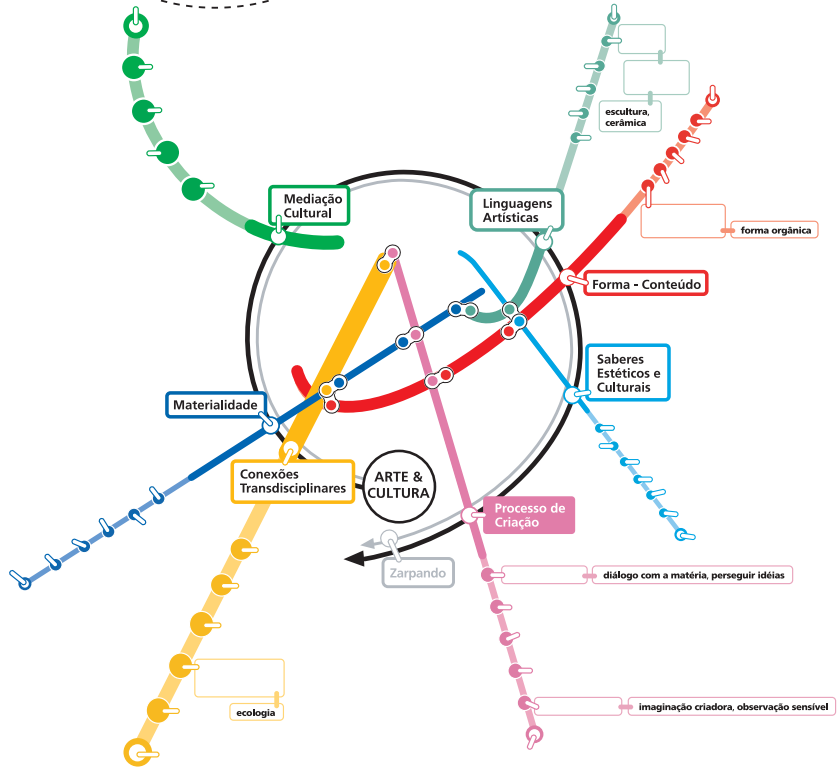
⁵ Procure, na DVDteca Arte na Escola, documentários sobre esses artistas e também sobre Mestre Vitalino, Shoko Suzuki, *Ocaso das louceiras*, etc.

⁶ Land art: a arte da terra é conhecida pelos trabalhos em/sobre a paisagem. Os artistas intervêm em grandes espaços da terra. Alguns de seus expoentes: Robert Smithson, Christo, Michael Heizer, Walter De Maria.

⁷ CAMARGO, Iberê. *Gaveta dos guardados*. São Paulo: Edusp, 1998, p. 32.



Mapa potencial
AKIKO FUJITA



Patrocínio



FUNDAÇÃO
IOCHPE

Organização



www.artenaescola.org.br